

Herman ten Kate

(UM AMIGO DE WENCESLAU DE MORAIS)

POR

A. A. MÊNDES CORRÊA

Professor-director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto

Em Fevereiro de 1931 extinguiu-se em Cartago um dos mais ilustres antropólogos holandeses, o dr. Herman ten Kate. A lutuosa notícia chegou ao meu conhecimento muito tardiamente — quasi um ano depois. Logo formei tenção de consagrar algumas páginas duma revista portuguesa da especialidade a breves notas biográficas do extinto que constituissem uma devida homenagem à sua memória. Digo devida porque, além do seu valor como cientista dêste ramo de estudo, o dr. ten Kate interessara-se vivamente pelos trabalhos portugueses de Antropologia, especialmente pelos do núcleo antropológico portuense, e, numa correspondência volumosa que com êle troquei desde 1917, repetidas vezes manifestára a sua profunda amizade e admiração por Wenceslau de Moraes, o grande escritor português, com quem conviveu longamente no Japão, onde os dois fôram cónsules dos respectivos países.

O interêsse dalgumas passagens dessa correspondência é grande para Portugueses, aparecendo-nos ali a personalidade do eminente holandês com traços que movem, com o justo aprêço, a viva simpatia de todos nós. Assim, a uma breve notícia biográfica e bibliográfica que, com escassos elementos, dou a seu

respeito, juntarei, como complemento digno de atenção carinhosa, alguns extractos de cartas suas que religiosamente guardo.

Pessoalmente, sou devedor de muita gratidão a H. ten Kate. Foi êle um dos primeiros antropologistas estrangeiros com quem estabeleci relações e que mais carinhosamente acompanharam, com o seu interêsse, seus estímulos e seus conselhos, a minha humilde actividade de cientista. Já desapareceu, há anos, também, na negra voragem da morte, outro gentilissimo espirito a cuja memória devo reconhecimento por igual motivo: o talentoso professor de Nápoles, Giuffrida-Ruggeri, do qual tantas vezes me tenho justificadamente ocupado em trabalhos meus.

Nunca lhes falei de viva voz, nunca os vi. Mas as suas obras, a correspondência que trocámos, as fotografias que dêles recebi e que figuram nas paredes do Instituto de Antropologia da minha Faculdade, aproximaram-nos, a ponto de nos conhecermos e nos estimarmos como se de muito longe viesse um convívio directo e permanente entre nós.

Com quantas pessoas nos acotovelamos diariamente, com quantas pessoas falamos diariamente, que nos são indiferentes como não eram para mim estes homens cujas órbitas de existência e de actividade fôram traçadas a tantas léguas da nossa terra, dum terra que um nunca viu e de que o outro guardou apenas a recordação de duas escalas rápidas por Lisboa, nas suas viagens por mar.

*

* *

O dr. Herman Frederic Carel ten Kate foi um grande viajante. Doutorado em medicina e filosofia em 1882 na Universidade de Heidelberg, onde defendeu uma tese sôbre craniologia dos mongolóides, foi-lhe dado ensejo de visitar quási todo o globo,

havendo desempenhado funções científicas e consulares em vários pontos.

Antropologista físico, sòlidamente preparado por mestres como Topinard e outros, dotado duma grande actividade e duma lúcida visão dos problemas desta ciência, nunca, nas suas longas viagens, perdeu a oportunidade de estudar as populações mais variadas. Índios da América do Norte, como Iroqueses, Pimas, Papagos, Zuñis, etc.; Índios sul-americanos, como Arawks, Caribs, Araucanos, Tehuelches, etc.; numerosas tribus indonésias, entre as quais indígenas de Celebes e Timor; Japoneses; diversas populações da Melanésia e Polinésia (Tonga, Tahiti, etc.); algumas populações hindustânicas, australianas e africanas — eis um rápido inventário do vasto pecúlio de observações que êle reuniu durante as suas viagens e que utilizou para trabalhos numerosos, constantemente citados pelos autores com o aprêço que bem merecem pela escrupulosa técnica seguida e interpretação segura dos factos.

Mencionemos alguns, entre êsses trabalhos: *Matériaux pour servir à l'Anthropologie de la presqu'île californienne* («Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthr. de Paris», 1884); *Sur quelques crânes de l'Arizona et du Nouveau Mexique* («Rev. d'Anthr.», Paris, 1884); *Sur les crânes de Lagoa Santa* («B. et M. de la Soc. d'Anthr. de Paris, 1885); *Notices anthropologiques du Musée Royal d'Ethnographie de Leyde* (Leiden, 1886); *Observations anthropologiques recueillies dans la Guyana et Venezuela* («Rev. d'Anthr.», Paris, 1887); *Contribution à l'Anthropologie de quelques peuples d'Océanie* («L'Anthr.», Paris, 1893); *Contribution à la craniologie des Araucans argentins* («Rev. del Museo de la Plata, 1893); *Een en ander over Anthropologische problemen in Insulinde en Polynesie* (1894); *Anthropologie des anciens habitants de la région Calchaquie, République Argentine* («Anales del Museo de la Plata», (1896); *Die Pigmentflecken der Neugeborenen* («Globus», Braunschweig, 1902); *Matériaux pour servir à l'Anthropologie des Indiens de la République Argentine* («Rev. del Museo de

la Plata», 1904); *Die Beurteilung Japans in Europa* («Politisch-anthropologischen Revue», Leipzig, 1905); *Notes détachées sur les Japonais* («B. et M. de la Soc. Anthr. de Paris, 1908); *Observations au sujet des «Recherches anthropologiques sur la Basse Californie» par le Dr. P. Rivet* («L'Anthr., Paris, 1911); *Die Verspreiding van den Schedel-en Neusindex in de Timorgroef in Polynesie* («Tidjschrift van het Kon. Nederl. Aardrijkskundig Genootschap, Leiden, 1915); *Dynamometric observations among various peoples* («American Anthropologist», 1916); *Mélanges anthropologiques* («L'Anthropologie», Paris, 1913-1917); *Notes d'anthropologie sud-américaine* («Journal de la Soc. d'Américanistes de Paris», 1924); *Osservazioni sulle macchie turchine congenite nei ragazzi tunisini ed algerini* («Rivista di Antropologia», Roma, 1927) (1); etc.

Pode avaliar-se por esta nota forçosamente lacunar, na qual omiti as numerosas notícias biográficas e bibliográficas (como as referentes a trabalhos portugueses), o esforço considerável e extenso, desenvolvido pelo falecido antropólogo. O seu labor diz respeito a uma área enorme. Não me ocorre o nome doutro antropologista físico, cujos trabalhos tenham incidido sobre tantas e tão afastadas populações, crescendo o facto dêsses estudos terem sido, quasi sempre, feitos *in loco* e não sobre observações alheias, sobre esqueletos enviados ou sobre representantes de grupos étnicos em Exposições Coloniais ou em oportunidades semelhantes, na Europa.

Quando conservador da secção antropológica do Museu de la Plata (Argentina), H. ten Kate pôde, por exemplo, estudar anatómica, fisiológica e psicologicamente alguns índios araucanos e fogueiros, que vieram a morrer naquele Museu e que, na sua

maior parte, eram prisioneiros do Governo Nacional, arrancados violentamente aos seus países. Não é sem emoção que se lêem as passagens do trabalho de ten Kate em que se descreve a nostalgia dos pobres índios (os quais, aliás, quando estavam embriagados, eram geralmente para temer) e em que se alude à dôr vivíssima que êles sofreram ao separarem-nos dos filhos, para distribuírem estes por famílias argentinas.

Escreve ten Kate: «Inacayal (chefe dum grupo araucano), nos seus acessos de cólera surda, chamava *gringos* aos próprios argentinos, e dizia: *Eu chefe, filho desta terra, brancos ladrões... matar os meus irmãos, roubar os meus cavalos e a terra que me viu nascer, depois prisioneiro... eu desgraçado!* Nestes momentos, o seu rosto reflectia a maior tristeza.

«Muitas vezes, a uma palavra de Inacayal, todos se reuniam em tórno dêle. Homens, mulheres e crianças, formando um círculo estreito, entoavam um canto muito lúgubre. Isto durava às vezes uma hora.

«Quando, no dia seguinte, M. Beaufils perguntava a Inacayal o que significavam aqueles lamentos, êle respondia-lhe que a recordação da sua terra natal os entristecia. Até ao seu último momento, Inacayal tinha sempre guardado a esperança de realizar êste desejo...» Desejo, decerto, de voltar ao seu país.

Neste caso, os exemplares estudados eram prisioneiros que, na expressão de ten Kate, «o Governo argentino julgara bom civilizar à sua maneira». Mas, na última Exposição Colonial, por exemplo, muitos dos indígenas faziam parte de *troupes* que corriam mundo, exibindo-se, sob a superintendência de empregados. A selecção de que tinham sido objecto, não visava a organização duma série antropológica *suficiente* para determinar os tipos médios ou dominantes, mas a apresentação de tipos curiosos para o vulgo. Assim uma pequena série de neo-caledónios que se exhibiram perante o Congresso de Antropologia de Paris, nas suas

(1) Vd. minha notícia dêste estudo nos «Trabalhos da S. P. de A. e E.», t. IV, pág. 211.

temerosas dansas guerreiras, que evocam os seus velhos costumes de antropofagia, continha nada menos de duas mulheres albinas. É de presumir que, em contrário do que se dá com uma tribo americana de albinos, que fôram supostos índios brancos (1), o albinismo não seja dominante nas mulheres canaques. Mas é um atractivo para a curiosidade pública, que o empregário não desprezava.

Dos trabalhos de ten Kate, alguns referem-se a populações sôbre as quais não há outras publicações antropológicas. Quem quer que tenha de se ocupar da antropologia dos índios da América, das populações da Oceânia, etc., não pode deixar de ter em conta a contribuição valiosa que para o seu conhecimento forneceu o illustre cientista neerlandês. O que mais directamente interessa os Portugueses são os seus estudos sôbre timorenses, a que largamente me referi em 1916 nos meus trabalhos *Timorenses de Okussi e Ambeno* (2) e *Antropologia timorense* (3), neste último sobretudo. E, se a coordenação das observações de Fonseca Cardoso, a que procedi e de que dei os resultados no primeiro daqueles trabalhos, me permitia algumas divergências em relação aos pontos de vista de ten Kate, a verdade é que, dum modo geral, estes eram duma segurança rara, duma perfeita clarividência.

Ten Kate observou, não só alguns timorenses da porção holandesa da ilha, mas também alguns Belos da área portuguesa. Com razão, o illustre antropólogo, seu compatriota, prof. Kleiweg de Zwaan, acentua, num estudo de conjunto sôbre a antropologia

(1) R. G. Harris, *The San Blas Indians*, « Amer. Journ. of Phys. Anthrop. », IX, Washington, 1926.

(2) « Anais da Acad. Politec. do Pôrto », XI, Coimbra, 1916.

(3) « Revista dos Liceus », Pôrto, 1916.

daquelas paragens da Australásia (1), que as investigações de ten Kate autorizaram êste autor a afirmar legitimamente que a linha divisória traçada por Wallace para as raças humanas do Arquipélago Índio era em parte inexacta e decerto mal definida.

As estações mais prolongadas de ten Kate fôram na Argentina e no Japão. Em 1902 já se encontrava neste último país e ali se estabeleceu demoradamente, com pequenas interrupções, sem dúvida atraído por essa terra de encanto, como Pierre Loti, Wenceslau de Moraes, Lafcadio Hearn, e tantos outros. Mas por fim abandona-a, ao contrário do nosso admirável narrador dos exotismos orientais. Êste último, sem perder a saudade da Pátria, mas vivendo como um japonês, deixa Osaka, onde era côsul de Portugal, e vai, acompanhando piedosamente as cinzas da *musumé* bem amada, isolar-se, até à morte, em Tokushima, numa casinha japonesa, na devota soledade da sua viuvez.

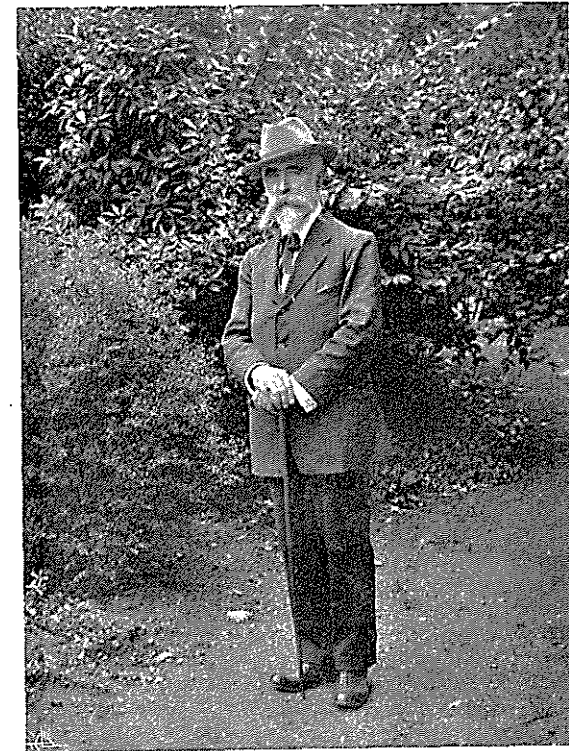
Desde que abandona a terra nipónica, em 1919, após, também, a morte da espôsa e aposentando-se do cargo consular que exercia, H. ten Kate, de saúde abalada, de ânimo quebrado pelo desgosto sofrido, vai primeiro para a Suíça, depois para a Itália, para a Holanda, para a África do Norte, aonde regressa por fim depois de estadas na Córsega, na Itália, nos Pireneus Orientais. Não pára, levando até quasi aos seus últimos dias a vida errante que estava no seu temperamento. As razões por que não voltou à sua terra natal senão uma vez, dá-as na correspondência de que adiante reproduzirei uns excertos. Também nela fala da irmã que muito estimava e cuja morte, em certa altura, o desprende ainda mais da terra. Na África do Norte, onde sente para os seus incó-

(1) J. P. Kleiweg de Zwaan, *Physical Anthropology in the Indian Archipelago and Adjacent Regions* « Kon. Akad. van Wetenschappen — the history and present state of scientific Research in the Dutch East Indies », Amsterdam, 1923.

modos um alívio que não experimentava na Europa, vagueia constantemente, entre Argel, Tunis, Sousse, Bône, Cartago, a Kabilia. É um nómada que sente sem cessar essa necessidade de partir, de viajar, de iludir com o exótico, com a novidade, com o movimento, o seu mal estar, a sua tristeza, o seu enervamento, fugindo à monotonia da permanência, do habitual, ou, na expressão de Morand, à sua própria sombra... Essa tendência, êsse impulso é admiravelmente desenhado por um jovem escritor português, de talento, o sr. Osório de Oliveira, num volume *Geografia literária*, recentemente publicado. Ali se mostra também como à febre quási alegre de partir se opõe a desilusão de chegar...

Decerto que, nos últimos anos da sua vida, o nomadismo de ten Kate encontra um motivo nos seus sofrimentos físicos. Ele procura o lugar mais propício às suas melhoras. Mas o seu passado mostra que a tendência à vida errante lhe está na massa do sangue, é constitucional nêle, e se manifesta até ao curto período de imobilidade forçada que antecedeu a imobilidade definitiva da morte.

Mas a sua correspondência traduzirá melhor do que tôdas estas notas biográficas a sua personalidade moral. A personalidade científica, essa, aparece desenhada com forte relêvo na sua obra. H. ten Kate, se a sua modéstia o não tivesse inibido de se erguer às amplas sistematizações, possuiria de direito um lugar ao lado de viajantes sábios como Humboldt e Ratzel. Se, por temperamento e não por falta de visão, preferiu manter o seu labor intelectual num âmbito menos subido, nem porisso deixa de ser uma notável figura da ciência contemporânea. A vastidão da área a que se estendeu a sua proba tarefa investigadora, o valor intrínseco desta, fizeram legitimamente de ten Kate um dos mais ilustres antropólogos do nosso tempo.



Herman ten Kate

*

* *

A correspondência, que conservo, de ten Kate, distribui-se entre 25 de Fevereiro de 1917 e 8 de Agosto de 1929. Consta de cerca de 50 cartas e postais, escritas em ótimo francês que o eminente cientista manejava tão bem como a sua própria língua e o alemão.

É interessante que êle esmalta muitas dessas cartas com expressões latinas, italianas, espanholas e mesmo portuguesas. Conhecia, de facto, o português, como se verá, das suas estadas na América espanhola e em Macau, do convívio com Wenceslau de Moraes e pela leitura das obras dêste. Esta tendência poliglota coaduna-se com a sua vida ambulatória.

A primeira carta (25-II-917) que dêle recebi, é ainda de Kobe (Japão). Agradece os meus trabalhos sobre Timor, que, em vista das citações dos seus estudos sobre o mesmo assunto, eu lhe oferecera, e logo fala de Wenceslau de Moraes:

C'est avec une vive satisfaction que j'ai reçu et lu les deux mémoires sur l'anthropologie de Timor que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer. Je vous en remercie beaucoup.

Les « Timorènses de Okussi e Ambeno » constituent une (1) contribution à l'anthropologie de la grande île. Quant à l'« Antropologia Timorense », je constate qu'au sujet de l'ethnogénie des Timorais vous n'êtes pas tout à fait d'accord avec moi. Le dernier mot sur cette question n'est pas dit. C'est pour cela qu'il est vraiment regrettable que le capitaine Fonseca Cardoso est mort.

Sachant l'espagnol, j'ai pu comprendre vos travaux sans grande difficulté. D'ailleurs, lorsque votre envoi est arrivé, je venais justement de terminer la lecture d'« O Bon-Odori em Tokushima », « Caderno de impressões intimas » de mon ex-

(1) Permito-me, por motivos compreensíveis, suprimir tôdas as referências elogiosas com que a bondade de ten Kate me honrou.

cellent ami Wenceslau de Moraes — le Pierre Loti portugais. Cet ouvrage a paru antérieurement, comme vous savez, dans le « Comercio do Porto ».

Je me permets de vous envoyer ci-jointes, sous pli recommandé, des brochures de ma main se rapportant à des sujets anthropologiques.

Pendant la durée de la guerre mon adresse sera aux soins du Consulat des Pays-Bas à Kobe.

Agréer, etc.

Em postal de 12 de Março, de Kobe, comunica-me a remessa, por *via América*, dos seus trabalhos e renova o agradecimento das memórias sobre Timorenses. São linhas escritas « à tout hasard », dadas as dificuldades de comunicações motivadas pela guerra.

Em 10 de Junho agradece, em termos amáveis, outros envios de trabalhos, e escreve:

J'ai noté avec plaisir les aimables paroles à mon sujet dans le n.º 6, tome XXVII, p. 609, de *L'Anthropologie* et je vous en remercie.

Só em Fevereiro do ano seguinte volta a escrever-me de Kobe « puisqu'on n'est sûr de rien par le temps qui court, à cause des sous-marins ». Vem agradecer-me a oferta do meu trabalho *Sobre uma forma craniana arcaica* que a sua benevolência qualifica o mais agradavelmente possível, bem como os trabalhos anteriores. Em 14 de Abril de 1919 agradece a primeira parte da *Osteometria portuguesa* e mostra amável interesse pela continuação deste meu trabalho. É a sua última comunicação de Kobe.

A notícia de que, por minha proposta, fôra eleito sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, já não o encontra no Japão. Em 22 de Fevereiro de 1920 escreve-me, já de Glion (Vaud), Suíça:

Ma nomination comme membre correspondant de votre Société m'a très agréablement surpris. Vous trouverez ma lettre de remerciements ci-incluse. Je regrette que cette bonne nouvelle ne me soit parvenue que hier. C'est la faute de la poste japonaise. Peu de temps avant mon départ du Japon, en Mai je crois,

je vous ai écrit; non seulement pour vous informer du changement de ma demeure, mais aussi pour vous remercier d'un travail que vous m'aviez envoyé.

Quant à ma contribution aux Tralhos de votre Société que vous sollicitez, je crains qu'il n'en peut être question que dans un avenir assez lointain. Depuis la mort de ma femme, survenue il y a presque un an, et ma propre maladie à la même époque et, après, je me sens un homme brisé. C'est pour cela que j'ai quitté l'Orient et je ne me remets que très lentement.

Pour quelques mois encore je serai ici, en Suisse. Après, l'on peut toujours m'écrire aux soins de M. A. de Graaf, dr. en droit, à Utrecht, Pays-Bas.

C'est curieux que j'allais justement écrire à Porto, pour demander à Monsieur Bento Carqueja s'il avait des nouvelles de mon cher et très estimé ami l'ex-capitaine de frégate Wenceslau de Moraes à Tokushima. Depuis Juin 1919 je n'ai reçu ni lettre ni carte de lui, ce qui m'inquiète beaucoup. Probablement que M. Carqueja, étant en relation avec l'auteur de *O Bon-odori*, *Ko-Hara*, etc., pourra me renseigner. J'attendrai encore jusqu'à la fin de ce mois-ci.

J'ai lu récemment votre travail sur l'ethnogénie des Portugais dans le « Journal » de Hrdlicka. Vous saurez qu'il se trouve actuellement en Chine. Je l'ai vu à Washington en Août dernier.

Agréer, etc.

Esta carta mostra que ten Kate tinha deixado o Japão em meados de 1919 e viera para a Suíça, pela *via América*. Nela se manifesta inquietação pela falta de notícias de Wenceslau de Moraes. Mas essas notícias chegam, como consta da sua carta de 17 de Abril, escrita também de Glion:

Recevez, je vous prie, mes remerciements pour votre très travail sur la formation des races. Je l'ai parcouru déjà en me réservant une lecture plus approfondie.

À mon avis aussi, il ne faut pas attacher trop d'importance à l'influence du milieu. C'est absolument vrai ce que vous dites: « que se conservam ignoradas as causas directas duma infinidade das variações somáticas do grupo humano » (p. 27).

Avez-vous reçu ma lettre du 22 Février dans laquelle j'ai remercié la Société d'Anthropologie etc. de Porto pour ma nomination comme membre correspondant? Voici pourquoi je vous demande cela. Il y a six semaines environ le bruit faisait ronde que le Portugal était de nouveau bouleversé par une révolution et que les voies postales étaient interrompues. En effet, une lettre que j'avais adressée, il y a un mois, à M. Bento Carqueja, rédacteur du « Comercio do Porto », est restée sans réponse aucune.

Je lui demandais des nouvelles de mon cher ami M. Wenceslau de Moraes, l'écrivain bien connu à Tokushima. Depuis le mois de Juin 1919 je n'avais reçu

aucun signe de lui. Mais hier, heureusement, une longue lettre du Japon m'est parvenue, me disant que l'exilé et sage portugais de là-bas se portait bien. Donc, dès à présent une réponse de M. Carqueja est devenu superflue.

Je viens de lire dans le dernier numéro du « Journal » de Hrdlicka qu'on vous a nommé professeur ordinaire à l'Université de Porto.

Toutes mes félicitations sincères.

Agréez, etc.

Em 16 de Junho seguinte, formula-me, ainda da Suíça, um pedido de estampilhas do correio e faz curiosas considerações sôbre o nepotismo político de que eu me queixara, em virtude de factos da minha vida oficial que não desejo rememorar:

Permettez-moi de venir vous demander une faveur.

Un ancien professeur de la Faculté de Médecine à Zurich, qui m'a rendu, ou plutôt à ma sœur, de grands services, est un collectionneur enthousiaste de timbres poste.

Il lui manquent les timbres portugaises de haute valeur, soit du ci-devant royaume, soit de la république, y compris les colonies. Il serait heureux de les posséder. Avec « haute valeur », je veux dire le prix *postal* officiel, non pas la valeur commerciale. Est-ce que par hasard vous pourriez me procurer ces timbres-là? Je vous serais très obligé si vous pouviez rendre heureux notre distingué collègue suisse. Il va sans dire que les frais éventuels seront à ma charge.

Dans votre lettre du 28 Avril, vous vous plaignez du népotisme politique. Je crois que ce mal existe un peu partout, surtout en France et aux Amériques (E. U., Argentine, etc.). Je me souviens de l'expulsion de Topinard de l'Ecole d'Anthropologie, en 1889, un vrai scandale, et de bien d'autres actes honteux.

Cependant, j'espère sincèrement que votre nomination est devenue un fait accompli.

Agréez, etc.

Um postal seu, de 13 de Julho de 1920, escrito de Glion, anuncia-me a oferta de vários trabalhos da sua autoria, alguns antigos, que efectivamente recebi, acusa a recepção do 2.º fascículo dos trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia, no qual a memória de Leite de Magalhães sôbre os indígenas de Timor « o interessou particularmente » como era natural, e aguardava a remessa dos selos para o amigo de Zürich. A 23 já estes

ali tinham chegado. Nessa data, escreve-me ten Kate, ainda do cantão suíço de Vaud, mas tendo já deixado Glion por Chailly-sur-Clarens:

Nos envios postaux se sont évidemment croisés. Je vous remercie pour les timbres poste que j'ai fait parvenir à mon ami à Zürich, ainsi que le catalogue. Malgré toute la peine que je me suis donnée, il m'est impossible de savoir ici l'équivalent de 28,62 écus portugais. Veuillez me renseigner à ce sujet. Le mieux serait peut-être d'exprimer le montant en livres sterling, qu'on convertira en argent suisse et je réglerai ma dette.

Au besoin, mon *aficionado* à Z. se mettra directement en relation avec le marchand de timbres à Porto.

J'espère que les tirages à part sont arrivés en bon ordre. J'ai quitté Glion pour toujours. Jusqu'à nouvel avis mon adresse est comme suit: Hotel Mury, Chailly-sur-Clarens, Vaud, Suisse.

Recevez, cher confrère, avec mes remerciements renouvelés, etc.

Como, por motivo da dificuldade que me trouxera a guerra, à aquisição dum exemplar do *Lehrbuch* de Martin, dado à estampa precisamente em 1914, propus a ten Kate liquidar a sua conta pelo envio desse livro, cuja compra afinal só pude efectuar alguns meses depois, graças ao prof. Schlaginhausen, de Zürich. A resposta de ten Kate, em 13 de Agosto de 1920, evoca mais uma vez o nome de Wenceslau de Moraes, referindo-se ao seu livro *Traços do Extremo Oriente*, e estabelece um paralelo interessante entre Martin e Topinard que define a sua preferência pela originalidade e pelo entusiasmo do segundo, contraposto à frieza metódica, sem alma, do primeiro, cujo mérito aliás justamente reconhece:

En réponse à votre lettre du 1^{er} de ce mois, j'ai le plaisir de vous informer que j'ai écrit à mon libraire à La Haye de vous envoyer directement, affranchi, par la poste et pour mon compte, le *Lehrbuch der physischen Anthropologie*, de R. Martin. Je vous prie de me faire savoir quand vous l'aurez reçu. Cet ouvrage étant fort cher (je ne me souviens pas ce qu'on m'a fait payer dans le temps), il y aura en effet un excès assez considérable sur les 28,62 escudos dont vous

m'avez signalé l'équivalent présumé en £. Cependant, je ne desirais pas que vous me rendiez cet excès en argent.

En place, je vous serais reconnaissant si vous pouviez me procurer un exemplaire, vieux ou neuf, n'importe, de *Trazos do Extremo Oriente*, de Wenceslau de Moraes, paru il y a peut-être une vingtaine d'années. L'édition étant épuisée, ni l'auteur ni mon libraire n'ont pu me procurer un exemplaire. Je suppose néanmoins que chez des antiquaires à Porto ou à Lisboa il y aura toujours moyen de dénicher un vieil exemplaire des *Trazos* pour un prix modeste. Si l'on ne peut plus trouver ce livre, vous m'obligeriez beaucoup par l'envoi d'un certain livre par un écrivain portugais très connu, paraît-il, dont le titre traduit est, je crois, *Lettres de Macau*. Le connaissez-vous ? J'espère que ma demande ne vous dérangera pas trop.

Quant au *Lehrbuch*, c'est un manuel indispensable pour tout anthropologiste moderne qui s'occupe de travaux pratiques, mais là s'arrête, à mon avis, son mérite quoique déjà grand. Le *Lehrbuch* n'est guère comparable aux *Éléments d'Anthropologie générale* de mon vénéré maître Topinard, malgré que cet ouvrage date de 1885. Le gros bouquin de Martin est le produit sans âme d'un vrai *Schulmeister* méthodique et froid, sec comme les sables des hauts plateaux péruviens. L'ouvrage de Topinard par contre émane d'un esprit original, d'un chercheur enthousiaste, doublé d'un historien émérite. Les deux livres se complètent heureusement.

Recevez en attendant, etc.

A carta seguinte alude à questão da compra do livro e, como eu lhe tivesse anunciado a minha ida a Paris para a reunião inaugural do Instituto Internacional de Antropologia e perguntado se lá o encontraria, encara com uma filosofia de legítima superioridade o «esquecimento» a que se supõe votado. Essa carta faz alusão à doença da sua irmã mais nova:

Villa «la Romaine», Baugy sur Clarens, Vaud, le 23 Septembre 1920.

Monsieur et confrère:

J'ai le regret de vous informer que le livre de Martin est épuisé. La lettre ci-incluse de mon libraire à la Haye en fait preuve. Par contre, j'ai déjà commandé l'autre ouvrage que vous désiriez avoir: Ratzel, *Anthropogéographie*. On vous l'enverra directement, mais quand, — je l'ignore.

Ce n'est que par votre lettre du 25 Août, et plus tard par les journaux suisses, que j'ai eu connaissance de la réunion, à Paris, pour la fondation d'un Institut International d'Anthropologie. Il paraît que ceux qui ont pris l'initiative de ce mouvement ignorent mon existence. Au moins je n'ai reçu ni invitation ni convocation. Au soir de la vie, cela ne vaut plus la peine de se fâcher de cet oubli

peu mérité. Il n'y a qu'à hausser les épaules philosophiquement. Je vous dis cela seulement pour vous expliquer pourquoi je ne suis pas venu à Paris. D'ailleurs la maladie très grave de ma sœur cadette m'en aurait empêché.

Mon adresse, jusqu'à nouvel avis, est indiquée ci-dessus. Bonne chance. Recevez, etc.

Sobrevém-lhe mais um golpe: a morte da irmã. Fala-me dêsse desgosto na sua carta de 12 de Novembro, na qual se refere também à sua necessidade de fugir ao frio e à bruma «mesmo do Léman» e alude ao «esquecimento» do I. I. A., que entendi do meu dever remediar com uma carta ao prof. Georges Hervé. Emfim, para liquidação das contas, propõe-me a obtenção, em Portugal, de larvas de *Tenebrio molitor*:

J'ai bien reçu vos lettres du 2 et du 30 Octobre dont je vous remercie. Je n'ai pas pu vous répondre plus tôt à cause de la mort de ma sœur survenue ici il y a près de trois semaines. Le coup est très dur pour moi, mais comme la maladie de la pauvre était inguérissable, il est mieux ainsi.

Sauf l'imprévu, je resterai à Baugy jusqu'au 15 Décembre; après, j'irai probablement au Lago Maggiore, car je ne puis plus supporter le froid ni la brume, même du Léman.

Quant à l'oubli, à mon égard, des fondateurs de l'Institut International d'Anthropologie, vous êtes peut-être dans le vrai, mais enfin on ne sait pas. Je n'ai rien reçu de M. Hervé relatif à cette question. N'insistons pas. Après tout, je reste qui je suis sans ou avec cette docte compagnie internationale.

Je suis heureux de savoir l'ouvrage de Ratzel en vos mains, mais regrette que *Trazos* de mon ami de Moraes reste introuvable. En tout cas, mille remerciements pour la peine que vous vous êtes donnée.

Ci-jointe la note de mon libraire relative à l'*Anthropogéographie*, qui coûte fl. 14, soit environ 27.0 fr. suisses. Comme je vous devais 28.62 escudos = £ 1.9.9 = environ 31.80 fr. suisses, la différence en ma faveur est de 4.60 fr. s. environ. C'est bien le compte, n'est ce pas ? Au lieu de me rembourser cette somme minime, je vous prie de bien vouloir rendre un petit (on peut-être *Grand*) service à la science biologique. Voici ce que c'est.

Un naturaliste hollandais qui depuis plusieurs années s'occupe de recherches génésiques relatives à l'hérédité et à la variation des insectes, me demande de lui fournir des larves vivantes du coléoptère *Tenebrio molitor*. Il lui en faut de la région située au sud de la ligne géographique Bordeaux-Odessa et c'est surtout du Portugal qu'il en désire. C'est pour cela, cher confrère, que je vous serais très obligé si vous pourriez procurer à ce chercheur 50 à 100 larves de *Tenebrio* (ver

de farine, mealworm, Mehlwurm). On peut les envoyer *directement* aux Pays-Bas par la poste. Chaque boulanger en a, je suppose, à Porto ou Vizeu comme ici. Ces «vers» ont la vie très dure. En les mettant dans une boîte avec un peu de farine et de biscuit, ils supporteront fort bien le long voyage de cinq ou six jours.

Le nom du dit naturalist est S. A. Arendsen Hein. Il demeure à Utrecht (Pays-Bas), 17, Emmalaan.

Veuillez joindre à votre envoi un petit mot en me nommant. Je vous remercie d'avance,

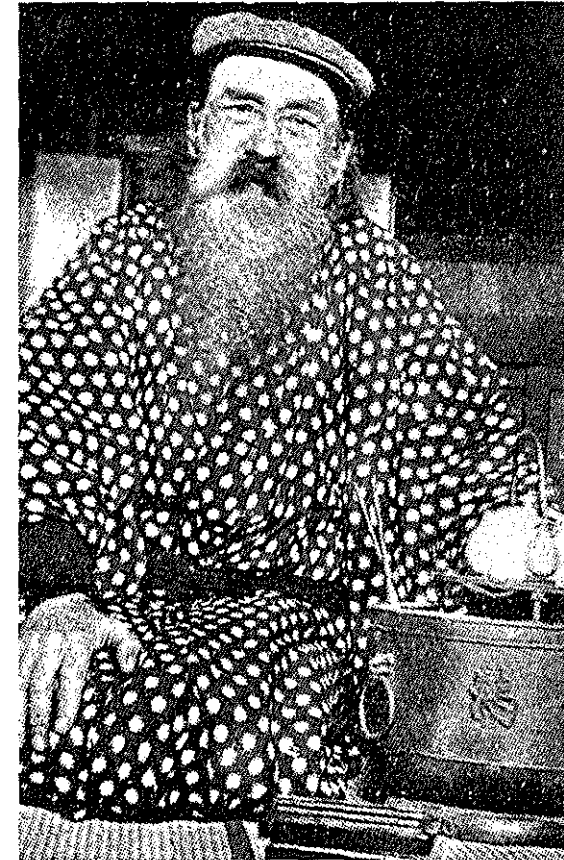
Je serai heureux de recevoir la suite de votre *Ostéométrie portugaise.*

Abre-se uma lacuna na sua correspondência até 24 de Maio de 1922. Mas eu não me esqueçera do seu pedido das larvas e, até Março de 1923, troquei várias cartas com Arendsen Hein e fiz-lhe alguns envios de «bichos da farinha». Simplesmente, nunca consegui nos armazens de farinhas do Pôrto e de Vizeu exemplares da espécie desejada. Eis o postal de ten Kate, de 24 de Maio, já endereçado de Meran, Itália, para onde fôra após uma parte do inverno na Holanda, na sua Pátria:

Voilà bien longtemps que je n'ai pas lu de vos nouvelles. D'ailleurs, il y a un an environ, je crois, que les publications de la Société d'Anthropologie de Porto, dont j'ai l'honneur d'être membre correspondant, ne me sont pas parvenues. J'en ignore la cause et je le regrette. Auriez-vous l'obligeance de m'envoyer un petit mot ici, à l'adresse sus-indiquée, ainsi que les publications que vous jugerez bon à m'envoyer? Je serai encore ici jusqu'à la fin de Juin. Après, je vous donnerai mon adresse en Hollande où j'ai passé une partie de l'hiver. Lors d'une visite à M. Kleiweg de Zwaan, nous avons parlé pas mal de vous.

Agréez, etc.

Em 16 de Junho nova carta de Meran, acusando a recepção duma carta minha de 31 de Maio anterior e renovando a manifestação do seu interêsse pelos trabalhos da Sociedade e meus. Nessa carta, uma das mais interessantes para nós, responde à minha pergunta sôbre a possibilidade duma sua visita a Portugal, e aproxima a sua personalidade da do seu amigo Wenceslau de Moraes, dizendo-se como êle — de quem utiliza as próprias expres-



(Grav. cedida pelo Comércio do Pôrto)

Wenceslau de Moraes

sões em português—um «João Ninguém», que «vive no marasmo e no mundo da saúde», aguardando apenas «a viagem da morte». Mas, se «a era das viagens passou» para êle, pensa em deixar Meran, em ir «quelque part» para os Alpes tirolezes, e depois... «c'est l'inconnu». Reproduzo grande parte desta longa carta:

Je suis bien aise d'apprendre que vous travaillez toujours. Pour moi, l'ère des voyages a passé. Ma santé est assez mauvaise. Les longs trajets me fatiguent et étant donnée la condition actuelle de mes finances, voyager est beaucoup trop coûteux, comme d'ailleurs la vie en Hollande. Donc, pour le présent je resterai en Italie. Je serai probablement encore trois semaines à Meran; ensuite j'irai quelque part dans les Alpes tyroliennes du sud-est. Après, c'est l'inconnu: «carpe diem»!

J'aurais bien envie de visiter le Portugal et de faire votre connaissance et celle de M. Bento Carqueja, mais hélas je ne puis pas. Deux fois, j'ai fait des escales à Lisbonne et j'en ai gardé un bon souvenir. Actuellement, je ne suis qu'un «João Ninguem» ne vivant que dans le marasme et «no Mundo da Saudade». Ce Monsieur «Ninguem» n'ira plus à Timor, ni à Macau, ni à La Plata. Le seul grand voyage qu'il compte faire c'est «a viagem da morte». Ce sont là des expressions de mon excellent ami, Senhor Wenceslau de Moraes. Je suis toujours en relation avec lui.

Le dernier chapitre en préparation de mon travail en hollandais «Par terre et par mer» aura pour sujet mes visites au sage et à l'ermite de Tokushima, soit le sus dit Dom Wenceslau.

Je serais heureux d'avoir de vos nouvelles, quand le cœur vous dit de m'en donner. Mon adresse permanente, que j'y sois ou que je n'y sois pas, est chez mon cousin, le Dr. A. de Graaf, 61, Willem Barentsstraat à Utrecht, Pays-Bas.

Cependant, si vous pouvez, envoyez-moi vos imprimés ici, avant mon départ pour les solitudes alpestres.

Salutations distinguées et tous les bons voeux

de seu muito dedicado

H. ten. Kate.

Ao alto interesse afectivo desta carta cujo final transcrevi na íntegra, nem sequer falta a expressão portuguesa «de seu muito dedicado» sucedendo aos cumprimentos em francês e antecedendo a sua assinatura!

Não é menos interessante a carta de 5 de Julho em que me permito apenas suprimir as suas palavras excessivamente generosas a respeito dos meus trabalhos (entre os quais aludia então especialmente ao *Homo*) e do meu ensino que apreciava sobre um relatório impresso que lhe enviei. As suas bondosas apreciações foram por êle consignadas também em análises várias que inseriu no Boletim da Sociedade Neerlandesa de Geografia, na revista holandesa «Mensch en Maatschappij» e na «Scientia», de Milão, com considerações sobre a actividade antropológica em Portugal e no Pôrto, que não podem deixar de ser gratas aos Portugueses, como são as suas referências e a sua amizade ao «diabo branco» de Tokushima:

Je suis très touché de votre bien aimable lettre en portugais du 28 Juin. J'en ai parfaitement bien compris le sens, mais je regrette d'être incapable de vous répondre comme il faudrait en votre belle langue lusitane.

Mille fois merci pour vos bonnes paroles et pour l'intérêt que vous voulez bien montrer au sujet de mon sort. Si je viendrai jamais en Portugal, — *chi lo sa?* «Bohemio incorrigível» comme je suis, tout paraît possible, mais cela ne serait pas de si tôt. En quelques jours, j'irai chercher un peu de fraîcheur dans les montagnes boisées à l'est de Trento. Exilé quasi-volontaire, I am trying to make the best of a bad job, et si, quelque part, la mort viendrait me surprendre, je saluerai «sua apparicao com um sorriso».

Vous voyez, j'ai toujours «mon frère de rêve» (le mot est de Pierre Loti) Wenceslau de Moraes devant les yeux. Cela n'est pas étonnant puisque je suis occupé à écrire — griffonner plutôt — mes impressions de trois visites à Tokushima. Si jamais mon livre paraît, à moins que ce serait une œuvre posthume, vous aurez un exemplaire.

J'ai à vous accuser réception de deux envois d'imprimés, arrivés successivement. Je vous en suis très reconnaissant. J'enverrai les doubles à l'Institut ethnologique à Utrecht et je garderai les autres. Je me suis mis à les lire.

S'il y a lieu, il se pourrait que j'écrive un petit article d'ensemble sur votre envoi, y compris les *Trabalhos da Sociedade*, dans le recueil d'une société dont notre confrère M. Kleiweg de Zwaan est l'un des pivots. Je vise la Société néerlandaise de géographie.

Je me rends parfaitement bien compte des difficultés à se procurer des bichos da farinha. M. Puccioni à Florence, auquel je me suis adressé aussi, a du

se heurter aux mêmes difficultés, puisque ma demande n'a pas eu de résultat. Moi-même, à Locarno, il y a 1 1/2 an, j'ai eu toute la peine du monde à me procurer des *bacchi di farina*.

Mais c'est avec satisfaction que j'ai vu les nombreux descendants de mon envoi de larves à Utrecht, au laboratoire de M. Arendsen Hein qui s'occupe de recherches sur l'hérédité.

Moi, de mon côté, je fais aussi os melhores votos pour la continuation fructueuse de votre carrière scientifique déjà si inaugurée il y a quelques années. Moi, je ne suis qu'un *vecchio* touchant, espérons-le, à sa fin.

Veillez présenter mes respects à M. Bento Carqueja. En vous remerciant de nouveau et en vous saluant, je vous prie de croire, etc.

Nesta carta êle define perfeitamente a sua personalidade, com tantos pontos de contacto com a do seu «irmão de sonho», Wenceslau de Moraes, cujas expressões êle mesmo adopta. «Boémio incorrigível», «exilado quasi voluntário», «trying to make the best of a bad job», «*vecchio* touchant, espérons-le, à sa fin», neste poliglottismo variegado, ten Kate afirma, como o nosso compatriota, que, quando a morte vier surpreendê-lo, êle saudará a sua aparição com um sorriso. E tem sempre Wenceslau de Moraes diante dos seus olhos.

A nossa correspondência continua activa em 1923. Só de Janeiro guardo uma carta e dois longos postais seus. Passou para Levanto, para a *Riviera* italiana, e continua a falar-me dos meus trabalhos, das suas análises dêstes, das investigações de Arendsen-Hein sobre a hereditariedade nos *Tenebrio molitor*, dizendo-me ainda ter recebido um «bilhete» de Wenceslau de Moraes, «sempre em o mesmo estado d'esprit». E acrescenta que isto interessará o sr. Bento Carqueja.

Na sua carta de 24 de Janeiro de 1923, alude com espírito á dificuldade que eu tive em conseguir quem me traduzisse as suas análises, em holandês, dos meus trabalhos, e acrescenta:

Je vous remercie aussi pour votre éloge de Giuffrida-Ruggeri et l'envoi du dernier numéro des «Trabalhos» G. R. était, sans doute, un anthropologiste de

mérite, mais jugeant d'après le peu que je connais de ses travaux, je ne partage pas certaines de ses opinions. D'ailleurs, vous-même l'avez critiqué dans «Homo», je crois.

Tout récemment, j'ai vu votre portrait dans une publication anglaise sur l'état actuel de nos connaissances anthropologiques de l'Archipel Indien par M. Kleiweg de Zwaan, qu'il vous a envoyé aussi sans doute. Vous y avez du voir aussi «ma triste figure antediluvienne» pour emprunter un mot à Alexandre von Humboldt. Merci de l'intérêt que vous manifestez à mon sujet. Je vais mieux qu'à Meran, seulement, je souffre toujours plus ou moins de troubles de la circulation sanguine, de névrasthénie et d'insomnie.

Je parcours, j'habite, «tous ces beaux pays» surtout par économie. Depuis quelques années je ne puis plus vivre dans ma patrie à cause de la cherté et puis le climat ne me convient pas.

Je suis encore à Lévento par apathie, puisque souvent le mieux est l'ennemi du bien, et d'ailleurs, dans mon *status praesens*, les longs voyages me fatiguent. C'est pour cela je crains cher confrère, que votre beau pays — entrevu deux fois en faisant escale — ne me verra jamais... C'est écrit.

Je mets la dernière main à mon «Par terre et par mer», presque terminé. Je vous souhaite beaucoup de succès avec votre «Ostéométrie portugaise».

Recevez, etc.

A «triste figura ante-diluviana»... era, facilmente se imagina, a dêle. Cabelos brancos um tanto raros já; longo bigode branco; barba branca, triangular; magro; olhar profundo; fronte larga; rosto adelgacando-se para baixo—o retrato de ten Kate dava-lhe porventura alguma semelhança fisionômica com o *ketó-jin*, com o «selvagem branco» de Tokushima, com o nosso Wenceslau de Morais. Simplesmente, embora dizendo-se, como êste, «gasto de intuitos e de fôrças», ten Kate não descurara, como êle, a «grenha» e a barba, nem adoptara o boné cinzento, o fato amarrotado, largo e poeirento, que o nosso escritor descreve no *Barril do lixo do cemitério de Chiyo On-ji*. Algum tempo depois, ten Kate enviar-me-ia um seu retrato, em corpo inteiro, cuja similitudine gravura acompanha estas notas.

Em 17 de Fevereiro escreve-me ainda de Levanto mostrando satisfação por que eu tenha encontrado quem amavelmente haja traduzido a análise dos meus trabalhos (o sr. Christian Brücher)

e por que eu «tenha ficado contente com ela». Acusa a recepção da quarta parte da minha *Osteometria portuguesa*, que considera um «trabalho enorme», etc., e pelo qual me envia bondosamente, no próprio italiano, *complimenti*. Fala ainda das larvas do *Tenebrio molitor*, e acrescenta:

Je suis en train de rédiger de vieilles notes sur l'anthropologie sudaméricaine (Goajiros, Arowaks et Lengoes) qui paraîtrait j'espère dans le Journal des Américanistes à Paris. Le ms. de mon bouquin touche à sa fin. Si jamais je le verrai imprimé, vous aurez un exemplaire et M. Brücher vous traduira ce qui se rapporte à Macau et à Tokushima. Mais peut-être que vous en dormirez d'ennui.

Recevez, etc.

Abre-se um parêntesis até Julho do mesmo ano (1923). Ten Kate desloca-se para o sul, para as proximidades de Roma, para Castel Gandolfo, nas margens do lago de Albano. Em 2 dêsse mês escreve-me:

Il y a fort longtemps que je n'aie eu de vos nouvelles. N'avez vous jamais reçu un article sur la côte chinoise que je vous ai adressé de Lévento? Comme j'y parlais de Macau, je croyais que mes impressions de votre colonie là-bas vous intéresseraient. C'est par M. Sergio Sergi que j'ai appris que notre collègue Costa Ferreira est mort en Moçambique. Une perte douloureuse par l'anthropologie portugaise. Pendant un mois j'ai fait des recherches bibliographiques à l'Istituto d'Antropologia à Rome, où j'ai revu beaucoup de vos publications. Je suis en train d'achever un article sur l'anthropologie sudaméricaine que Rivet va publier. Et que faites vous d'intéressant? Et les Trabalhos? Je resterai ici sur le lac d'Albano jusqu'à la fin de Septembre. L'atmosphère de l'urbs aeterna est insupportable dans cette saison. Mais à C. G. il fait mieux. Auguri et saluti distinti. Toujours bien à vous,

A morte de Aurélio da Costa Ferreira sugere-lhe, como sugeriu a muitos outros antropologistas estrangeiros, palavras de pesar. Costa Ferreira visitara o Instituto de Sergi em Roma. Foi por Sergi filho que ten Kate soube a triste notícia do falecimento. «Da Costa», a quem se refere a carta seguinte, de 23 de Agosto,

é Aurélio da Costa Ferreira, sôbre o qual eu publicara um elogio proferido na Sociedade de Antropologia:

Excusez moi, je vous prie, si je ne vous ai pas répondu plus tôt. Votre bonne lettre du 9 juillet gisait depuis longtemps dans ma portefeuille, mais la lourde atmosphère, causée par le *sirocco*, et la grande chaleur me privaient de toute énergie. Mille remerciements tant pour votre lettre que pour votre envoi des trois articles: *da Costa, de Cerralbo et Novas Discussões*. Je les ai lus à mon aise et je vous fais mes compliments. Votre critique des doctrines de G. Sergi et de Sera démontre encore une fois de plus votre en ces matières de l'évolution humaine.

En effet, établir des hypothèses sur des hypothèses ne sert à rien qu'à embrouiller la science. Comme on l'a dit de la métaphysique, c'est déraisonner sur une chose que l'on connaît pas. En général, «quem pode pensar nisso sem sorrir?» Et j'ai souri.

J'inclus un bout de journal relatif à l'homme préhistorique. Qu'en pensez-vous? Vous êtes bien aimable de me dire que les *Trabalhos* «seraient bien honorés» de ma collaboration. Mais je n'ai encore qu'un seul article (relatif aux Japonais) en vue et je l'ai promis, il y a longtemps déjà, à Hrdlicka. Cet article ne sera peut-être jamais écrit puisque les données manuscrites sont enterrées dans une malle qui se trouve en Hollande. Quant aux larves de *Tenebrio molitor*, vous rendriez un service de plus à la science si vous pouviez en envoyer à M. Arendsen Hein. Il vous donnerait tout le «credit» — comme disent les Anglais — possible. Bonne chance. Si Dios quiere y la S.^a Virgen, je serai ici jusque la fin de Septembre. Après, je l'ignore. Mon correspondant à Utrecht, M. de Graaf, saura toujours mon adresse.

Agréez, etc.

«Quem pode pensar nisso sem sorrir?» Era uma pergunta que eu formulava no meu trabalho *Novas discussões sobre a origem do homem*, depois de mostrar que a aplicação a dois esqueletos portugueses do método empregado por Sera para demonstrar a origem polifilética das raças humanas, conduzia a estabelecer a filiação dum desses portugueses no orangotango e a do outro no gibão... «Et j'ai souri», respondeu com razão o ilustre holandês.

Em 1 de Outubro, uma longa carta, de Castel Gandolfo. Troca de fotografias; alusão à minha divergência doutrinária com o venerando prof. Giuseppe Sergi, a quem, aliás, me ligam, como

a seu ilustre filho, uma verdadeira amizade e sincera admiração; referência a uma proposta minha de tradução do seu artigo *Sur la côte chinoise*, que infelizmente não encontro agora entre os meus livros, de-certo extraviado; referências à viagem de Hrdlicka na Europa, ao *Pithecanthropus* e à calamidade do Japão, que felizmente poupou Tokushima — eis os assuntos variados dessa carta:

Supponant que vous êtes de retour à Porto, je réponds à votre aimable lettre de Vizeu du 13 Septembre. Tous mes remerciements, aussi pour les photographies que vous avez eu la gentillesse de m'envoyer.

Le groupe de famille me rappelle des groupes de familles italiennes qui sont en villégiature ici, aux bords du beau lac d'Albano. Je me permets de vous faire parvenir ci-incluse une photo de moi, faite l'année dernière par un officier japonais.

Je comprends que M. G. Sergi n'était pas content de votre critique, mais *che vuole?* Dans la science, il faut exclure le sentiment, comme dans les affaires.

Mais M. Sergi, très agé, est un érudit et très aimable avec moi, comme d'ailleurs son fils Sergio, auteur de «*Crania habessinica*». Vraiment, vous me faites trop d'honneur en me proposant de traduire mon article «*Sur la côte chinoise*» pour les *Trabalhos*. Mais je trouve que cet article n'entre pas du tout dans le cadre de ce recueil. Ce ne sont que des souvenirs, des impressions, des esquisses, empruntés à mon *Caderno* de voyages, le dernier datant de 1905, je crois.

Il n'y a pas de science *sensu stricto* dans ce griffonnage; peut-être un peu d'ethnographie et de géographie, mais bien peu.

Donc, je vous conseille de ne pas défigurer les *Trabalhos* par le radotage d'un vieux hollandais.

J'apprends que Hrdlicka, qui fait un voyage en Europe pour étudier les questions de l'homme fossile, a vu E. Dubois.

Je doute fort que H. ait pu examiner les restes du *Pithecanthropus (erectus?)*, puisque le dit Dubois les garde depuis 30 ans comme un avare ses trésors, sans permettre qu'un autre y jette un coup d'oeil. Et notre gouvernement, dont ce fossile est la propriété, laisse faire!

La calamité du Japon m'a vivement impressionné et j'attends avec inquiétude des nouvelles de certains amis. Kobe est sauf, comme d'ailleurs Tokushima, la demeure de W. de Moraes.

Recevez, etc.

Devo dizer, a propósito do *Pithecanthropus*, que ten Kate parecia adoptar o meu ponto de vista de que os restos de Trinil, até nova ordem, deviam desdobrar-se por dois tipos: *Homo cf. sapiens* e *Pithecanthropus (erectus?)*. Ten Kate, na sua carta, escre-

veu, como eu propus, *Pithecanthropus (erectus?)*, e não *Pithecanthropus erectus*. Hoje, com a descoberta do Pithecanthropo de Peking (*Sinanthropus pekinensis*) hesito naquele ponto de vista. Mas não é assunto a tratar agora. Devo apenas registar que, em 1927, Dubois mostrava em Haerlem, aos membros dum Congresso de Antropologia de Amsterdam, de que fiz parte, os restos do *Pithecanthropus*, que descobrira em 1890, e fazia-nos sôbre êles uma conferência. A sua atitude, justamente criticada pelo seu compatriota, modificara-se, pois.

O recorte de jornal italiano a que se referia ten Kate na sua carta, dizia que o dr. Bartles encontrara vestígios de tuberculose óssea nas vértebras dorsais dum esqueleto humano da idade da pedra, encontrado numa gruta de Heidelberg.

Passam-se meses. Ten Kate escreve-me, em 27 de Setembro, então de Nápoles:

Il y aura bientôt dix mois que je n'ai reçu signe de vie de vous ni «Trabalhos». Qu'est-ce que vous devenez? Je serai à Naples... jusqu'au mi-Novembre. Après je retournerai probablement en Afrique. Je serais heureux d'avoir vos nouvelles. Etiez-vous à Prague?

Salutations cordiales de bien votre

H. ten Kate.

Não estive no Congresso de Praga, onde êle também não esteve. Assim lhe respondi, num postal ilustrado da região em que passara as minhas férias. Ainda de Nápoles, ten Kate escreve-me em 30 de Outubro:

Je vous remercie pour votre carte ainsi que pour vos deux articles, sur l'Origine de l'homme et sur Homo tapanus. C'est avec plaisir que je recevrai votre nouveau livre «Os povos primitivos da Lusitania» et les «Trabalhos». Vraiment, vous êtes infatigable! J'attends toujours, depuis 16 mois, la publication d'un article dans le Journal d'I Soc. d. Améric. de Paris et la fin de l'imprimerie de mon bouquin de voyages. Cela marche à pas de limaçon. Je retourne en Afrique (Tunis) pour chercher la chaleur qui commence à me manquer ici. Encore

3 semaines environ et je file. Avec moi, toujours idem, si ce n'est que je me détache de plus en plus du monde. Une bonne partie de son «progrès» m'est infiniment odieux. — Mon adresse «permanente» est à *Utrecht* chez le Dr. A. de Graaf. Il fait suivre tout ce qu'il reçoit pour moi, tout en risquant que des envois se perdent en route, imprimés surtout. Quel joli pays, ces bords du Mondego, où vous avez passé vos vacances. Salutations cordiales et tous les bons vœux de votre dévoué,

Vai para Tunis, continua a sua vagabundagem, cada vez mais desprendido do mundo, «odiando» uma boa parte do «progresso», como diz na comunicação anterior. Em 8 de Dezembro já me escreve de Tunis, dizendo-se cheio de ocupações e preocupações, mas afirmando que, apesar de não poder fazer muita coisa, está disposto a ocupar-se dos *Povos primitivos da Lusitania*, na «Scientia», de Milão. Em 14 de Janeiro longa carta, em que a sua bondade acolhe o melhor possível aquele meu livro. Como a redacção da «Scientia» lhe ia enviar um exemplar dêste e êle já possuía o que lhe ofereci, pergunta-me se pode oferecer aquele ao R. P. Delattre, «bien connu par ses savantes recherches à Carthage», que êle conhece pessoalmente e que foi o eminente organizador do Museu Lavigerie. Fala ainda dos «Trabalhos» que não tem recebido, e, como eu lhe tivesse dito ter estado com gripe, conclui afectuosamente a sua carta:

Omnia fausta pour 1925 et ne soyez pas imprudent comme tant d'autres qui sont en convalescence de la grippe.

Em 27 de Fevereiro já deixara Tunis. Escreve-me de Sousse (Tunísia). Agradece os «Trabalhos» e o estudo do dr. Valença sôbre a frente nos Portugueses, efectuado no meu Instituto e sôbre o qual promete escrever mais tarde. Como a «Scientia» lhe não enviara o exemplar dos *Povos Primitivos* que êle destinava ao P.^e Delattre, aconselha-me amavelmente que remeta o livro a êste erudito, para Cartago. Fala, nessa carta, do P. Delattre, com

os seus 75 anos, acompanhando, no dizer dos jornais, arqueólogos americanos no Saará, o que êle julga improvável. Fala também do Museu Lavignerie. E continua:

Quoique vous n'avez pas besoin d'une introduction, vous pourriez tout de même mentionner mon nom au P. Delattre que je connais personnellement, grâce à son ami le Dr. Nicolle, directeur de l'Institut Pasteur à Tunis. Faites donc comme bon vous semble.

Je suis toujours en retard en ce qui concerne ma revue de votre livre pour «Scientia», pour des raisons multiples. Le temps affreux avec des vents violents à Hommameb m'a rendu tout travail impossible. Etant donné mon état, il faut que j'aie un milieu qui me convient pour pouvoir travailler. Mais cette revue sera faite, — non dubito quin. Je ne quitterai pas Gabès où j'irai prochainement sans avoir tenu ma promesse. Peut-être en parlerai je également dans le journal de la Société de Géographie néerlandaise, dans le quel j'ai analysé «Homo» dans le temps, comme vous vous souviendrez.

Ma prochaine adresse sera à Gabès, poste restante, Tunisie. La vie ne m'est possible qu'au soleil et dans la chaleur.

Agréez, etc.

Como a «Scientia» sempre lhe remete o exemplar do livro, ten Kate apressa-se a comunicar-mo no dia 28. Em 17 de Março, já de Gabes, escreve-me de novo. «C'est fait», a análise do meu livro está expedida para Milão:

C'était une rude tâche, étant donnée ma connaissance imparfaite du portugais et puis être forcé de ne pas dépasser 600 mots! J'ai reçu votre lettre du 8-iii. Merci. On m'a envoyé «Sumula de Trabalhos de l'Institut d'Anatomie». Je ne sais pas qui je dois remercier pour cette publication. Veuillez le faire de mon nom. Le P. Delattre aura votre livre quand je le verrai. Le temps ici est très mauvais, comme en Hollande, une véritable plaisanterie. Aussi bien retourner à Tunis où il y a plus de ressources pour un intellectuel. La nomination de Sergi me fait grand plaisir. Il la mérite. Salutations,, etc.

Em postal de Junho de 1925, diz ter recebido «l'intéressant travail sur l'anthropologie des Angolais par MM. Pires de Lima, Monteiro et Mascarenhas». Pede-me para agradecer esta oferta, em seu nome, aos seus autores. Mostra-se aborrecido com a de-

mora na publicação da análise dos Povos na «Scientia» e pergunta se o P. Delattre me acusou a recepção do exemplar que lhe deu em Abril.

A análise dos Povos Primitivos em holandês aparece primeiro do que a da «Scientia», o que, em carta de 2 de Novembro de 1925, ten Kate me comunica, maguado com a redacção da «Scientia». Nessa mesma carta diz ter estado cêrca de dez semanas gravemente enfêrmo:

C'est à Ain-draham, au pays des Khroumirs, que j'ai été infecté de paludisme. Quoique étant en convalescence (j'ai quitté l'hôpital il y a peu de temps) les hématozoaires ont fait de terribles ravages. Toute idée de continuer mes recherches en Tunisie m'est devenue odieuse. Aussi, je compte partir pour Rome quand mon état le permettra. Vous seriez bien aimable de m'y envoyer un petit mot.

Quoi de nouveau chez vous? Et les Trabalhos? J'espère que tout marche bien.

Vous verrez par ma revue de votre livre que je demande pourquoi vous semblez ignorer la race ibéro-insulaire de Deniker comme facteur ethnogénique de la Lusitanie. Est-ce que ces Ibériens se confondent avec les Méditerranéens ou quoi? Je serais heureux de le savoir.

Recevez, etc.

Como outr'ora em relação à etnogenia de Timor, ten Kate não concorda com alguns meus pontos de vista expressos nos Povos Primitivos. Di-lo na carta, di-lo nas suas análises. Alongaria demasiado estas notas expondo as divergências, que, de resto, não o inibem de ser gentilíssimo sempre.

Em fins de 1925 está na Córsega. Escreve-me de Ajaccio em 30 de Dezembro:

Ce n'est qu'aujourd'hui que je trouve l'occasion du répondre à votre très appréciée lettre en portugais que j'ai reçue à Tunis.

J'ai également reçu les fascicules que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer. Comme toujours, je les ai lues avec grand intérêt. Je dirai quelques mots au sujet de «O significado genealógico do Australopithecus, etc.» dans notre nou-

velle revue des sciences anthropologiques «Mensch en Maatschappij». Je partage vos vues, d'une manière générale au moins.

Quant à l'hypothèse de Rivet (pp. 19 et 37), au moins relativement aux Australiens, je la trouve absurde. . . . Peut-être le seul argument bien fondé est l'existence, dans certaines régions de l'Amérique, d'une ancienne race ayant les caractères ostéologiques mélanésiens (Lagoa Santa, Ecuador, péninsule californienne). J'étais l'un des premiers, qui en 1884, ai appelé l'attention sur ce fait curieux (Bull. Soc. d'anthrop. Paris 1884 et 1885). . . . Les tâches bleues indiqueraient l'affinité des Malaïo-Polynésiens et des Américains. Ces tâches, je les ai constatées chez des Singalais, des Arabes, des Berbères, des Juifs, etc.!

La rédaction de «Scientia» a daigné me faire savoir que l'analyse de votre bouquin, écrite en Mars 1925, ne paraîtra qu'en Mars 1926. Elle est raide, celle là!

Certes, vous mentionnez la race méditerranéenne dans «Os Povos», mais songez que Topinard, Deniker, G. Sergi et d'autres désignent sous ce nom des races qui ne sont pas absolument identiques avec votre race méditerranéenne. Pour moi, cette question n'est nullement tranchée. Il y a des races, ou sous-races, méditerranéennes. Mon long séjour en Tunisie me porte à le croire.

À Rome, j'ai salué les Sergi, padre e figlio, de votre part. À Rome, le froid était terrible. Ici, dans l'île de Beauté, j'ai trouvé la chaleur et le soleil que je cherche toujours. C'est en Tunisie que j'ai attrapé la fièvre paludéenne. J'en suis guéri, mais je souffre encore des suites: fatigue, nervosité. Je serai ici — inch' Allah — jusqu'au printemps. Tous mes bons vœux pour 1926. Recevez, etc.

Criticando nesta carta as comparações lingüísticas de Rivet, ten Kate dizia, aliás, com justiça, ser este ilustre antropólogo «um homem de valor».

As notícias agora espaçam-se cada vez mais. Da sua parte é a doença, o cansaço, o «marasmo» que lhe ilaqueiam progressivamente a actividade. Da minha parte, é a multiplicidade crescente de ocupações, viagens, serviços oficiais, que me inibe duma assiduidade, que me seria grata, na nossa correspondência. Só em 4 de Maio de 1926 êle responde a uma carta minha de 26 de Março anterior. Escreve de Alger:

Votre bonne lettre du 26 Mars m'est bien parvenue, mais je n'ai pas voulu y répondre avant d'être fixé au sujet des deux analyses que j'ai faites de vos travaux; et puis j'attendais toujours, jusqu'ici en vain, le dernier numéro des «Trabalhos».

J'ai constaté avec plaisir que vous appréciez l'analyse dans le «Tijdschrift» et «Scientia» de votre «Os Povos». Mais cet éloge est tout à fait naturel. J'ai constaté également, mais avec regret, que la rédaction de «Scientia» n'a tenu aucun compte de mes corrections dans l'épreuve d'imprimerie. J'en ai reçu deux dont l'une a été renvoyée par moi *recommandée*. Quelques fautes typographiques stupides sont restées malgré moi.

On me fait attendre *une année* avant d'insérer mon analyse, sans un mot d'explication, et tout cela soi-disant pour 5 fr. le page imprimé, lequel stupéfiant honoraire ne m'est jamais parvenu. Si dévinais «Scientia e Ca» voudrait me payer 100 fr. le mot, je refuserais.

Quant à mon analyse de votre «Anthropithecus etc.» (1), écrite en janvier, elle ne paraîtra qu'au mois de juin dans «Mensch en Maatschappij», un nouveau recueil hollandais. Là, vous me trouverez un peu moins «aimable». Ça et là, il me paraît que votre sens, habituellement si froidement critique, voire sceptique, s'égare un peu dans le domaine des chimères. Excusez-moi cette franchise. Elle ne prouve que le grand intérêt que je prends à vos travaux.

Me voilà à Alger depuis une vingtaine de jours. Grâce à l'excellente Bibliothèque que l'on trouve ici, j'espère être à même de terminer mon travail sur les Tunisiens. Je tâcherai de rester ici aussi longtemps que possible. Carpe diem et horam. Les voyages me fatiguent trop et il faut que je profite du temps qui me reste pour mener à bonne fin que j'ai entrepris.

Je n'irai pas à Rome; je n'aime pas les congrès. Cela me ferait bien plaisir de vous y voir, ainsi que plusieurs autres savants que je connais et que j'estime, mais il y a trop de sacrifices.

Ma santé va comme si, comme ça. Il y a des jours que je me sens très fatigué et que je suis incapable de travailler. Mais je suis dur à la souffrance et, sauf l'imprévu, ma vieille carcasse ne claquera pas de sitôt.

Un article de moi sur les tâches bleues congénitales chez les enfants tunisiens a paru en avril dernier dans «Mensch en Maatschappij», mais malheureusement, je n'ai pas de tirage à part à vous offrir. Dans la même revue mon analyse de MM. Pires de Lima et Mascarenhas sur les crânes timoriens a paru.

Veillez me faire parvenir le dernier numéro des «Trabalhos», qui devraient paraître, je crois, en Mars. Mon adresse est à Alger a/s du Consulat des Pays-Bas, 8, rue Ménerville.

Tous mes bons vœux. Je vous salue cordialement.

Bien vôtre

H. ten Kate.

Ten Kate, ao contrário doutros ilustres americanistas, não aceitou a minha hipótese dum povoamento primitivo da América

(1) É lapso. O título é «Australopithecus, etc.».

do Sul pela via antártica. «Votre sens, habituellement si froidement critique, voire scéptique, s'égare un peu dans le domaine des chimères» — escreve êle com uma franqueza que nada me maguou. Acrescenta que não vai a Roma ao Congresso de Americanistas, onde estive e que lhe enviou uma merecida saudação.

Ainda antes do Congresso, em 2 e em 27 de Agosto de 1926, me escreve novas cartas, em que me fala da sua saúde, se interessa pela Faculdade de Letras do Pôrto, faz observações curiosas sôbre a bioquímica das raças, se refere aos Congressos, e alude a uma carta que recebeu de Wenceslau de Moraes, levando «sa vie d'hermite et sage à Tokushima», mas sentindo-se envelhecer. Eis parte da carta de 2 de Agosto:

J'ai bien reçu dans le temps votre bonne lettre en portugais que j'ai parfaitement bien comprise sans toutefois pouvoir vous *écrire* en votre belle langue. J'espère que depuis le 14 juin, la date de votre lettre, les conditions se seront améliorées. Vraiment, ce serait trop injuste de supprimer la Faculté de Lettres et de forcer les autres mesures vexantes dont vous parlez. Oxalá que l'orage ait passé et que désormais vous ayez la tranquillité.

Si je ne vous ai pas répondu plus tôt c'est que jusqu'au au milieu de juillet j'étais très occupé à terminer mes recherches dans les bibliothèques et les polycliniques indigènes. Après cette date, c'est le long sommeil d'été. Ces efforts contenus m'ont assez fatigué et dégoûté pour un temps d'écrire quoique ce soit. Mais, j'ai fait une excursion d'une dizaine de jours dans les montagnes au-dessus de Miliana et de Blida, mais malheureusement, je n'ai pas pu supporter l'altitude de 1100 à 1500 m. Dans quelques jours, je vais essayer le bord de la mer à Tizirt, au nord de la Grande Kabylie. Vamos saber. Alger même m'est devenu odieux et je n'y passerai certainement pas l'hiver.

La question berbère m'occupe toujours et elle est, malgré les travaux de Collignon, de Bertholon et Chantre, nullement tranchée. Ce qui est certain pour moi, c'est que deux des types berbères ne sont que des Ibéro-insulaires (Deniker) et des Méditerranéens, deux races qu'il faut bien distinguer. Quant aux Arabes, je n'hésite pas à dire, qu'au point de vue somatique, il n'y en a que très peu en Algérie et en Tunisie. Serai je à même de mettre toutes mes notes en bon ordre? Je ne sais pas; je ferai mon mieux et «ultra posse nemo obligatur».

À mon grand ennui, mon analyse de votre «Australopithèque» etc., écrite en janvier, n'a pas encore paru dans la nouvelle revue néerlandaise «Mensch en

Maatschappij». J'ai réclamé de nouveau et la rédaction m'a assuré de l'insérer dans le numéro d'octobre.

Est-ce que vous irez au Congrès des Americanistes à Rome en Septembre? Moi, je n'irai pas, malgré les instances de mes bons amis Sergi, père et fils.

A carta de 27 é nos seguintes termos:

Votre bien aimable lettre de Vagos du 2 courant m'est parvenue ainsique, successivement, cinq brochures de votre main. Je vous en remercie cordialement. Je n'en ai pas encore fini complètement la lecture, mais j'ai appris déjà assez pour constater, une fois de plus, l'énorme somme de travail que vous êtes à même de fournir. La question de la biochimie des races et des individus m'intéresse plus particulièrement. Voilà un vaste champ d'étude pour l'avenir. Reste ce qu'un jour, j'en suis convaincu, on nommera la psychochimie ou psychodynamie des races et des individus. En d'autres termes, je crois à la radioactivité physico-psychique humaine, variant selon les races primordiales. Si j'étais jeune, je m'occuperais surtout de ces questions là.

Je regrette de ne pas pouvoir réciproquer vos envois de mémoires originaux. De mon dernier travail, sur les tâches bleues chez les enfants tunisiens, je n'ai reçu qu'un nombre de t. à. p. très restreint. D'ailleurs, c'était en hollandais. J'ai fait beaucoup de nouvelles observations sur ces tâches à Alger, mais j'en ai déjà promis la primeur à la Società Romana di Antropologia, sur la demande de mon excellent ami Sergio Sergi que vous irez voir sous peu. Mais plus tard peut-être je pourrais vous donner, pour notre Société de Porto, un résumé de mes vues «Sobre as populações da Argélia e da Tunisia», problème extrêmement compliqué comme le noeud gardien. Cependant, le temps qu'il fait ici actuellement n'est guère favorable au travail intellectuel.

Décidemment, l'été en Afrique manque de charme. Mon séjour à Tizirt-sur-Mer m'a réussi aussi peu que mes séjours dans la montagne. Le mieux, pour le moment, c'est de se tenir tranquille. Après un mois, vamos saber. Pour le présent, je me sens abattu et l'idée d'un Congrès me donne le frisson. Cela n'empêche pas que je regrette infiniment de ne pas vous y rencontrer, vous et quelques vieux amis d'Amérique que je serais certain de rencontrer à Rome.

Hier, j'ai reçu, après un long silence, une lettre de votre distingué compatriote Wenceslau de Moraes. Il mène toujours sa vie d'hermite et de sage à Tokushima, mais il se sent vieillir et affaiblir, ce qui est tout à fait naturel à 73 ans.

Je vous souhaite feliz viaje et vous prie d'agréer etc.

De Bône, em 18 de Outubro, escreve-me a agradecer a saudação que, num postal, lhe enviei, com vários colegas, da necró-

pole etrusca de Cere, onde fui de visita por ocasião do Congresso de Americanistas, e pergunta se gostei da estada em Itália.

Em 28 de Janeiro de 1927, agradece e retribui—agora de Tunis—os meus votos de bom ano, e diz que a sua saúde vai «passablement bien» mas o *frio excessivo* há mais de seis semanas «não lhe convem». «Je ne sais plus où aller—escreve—sinon aux vrais tropiques». Ainda algumas palavras de amável interesse pela publicação da 2.^a edição do *Homo*. A êste volta a referir-se em carta de 25 de Fevereiro, datada da Villa Tanit, Cartago, carta em que alude à revolução militar no Pôrto, à sua permanência a dois passos das ruínas de Cartago, à morte do grande antropólogo francês Manouvrier:

Votre aimable carte postale de Madrid m'est parvenue. J'en conclus que ma carte du 28 janvier, de Tunis, n'a pas été reçue par vous. En effet, *Homo*, m'a été envoyé d'Alger. Mais tout cela ne fait rien; j'ai reçu votre cadeau dont je vous remercie très cordialement. Sans avoir lu d'a — z, jusqu'ici, la nouvelle édition, que l'ai feuilletée à plusieurs reprises et j'ai constaté que, cette fois-ci encore, vous avez fait un travail sous tous les rapports. Vous me faites l'honneur de me citer quelques fois et j'en suis bien aise. Par contre, je suis étonné de ne pas trouver cités les travaux de R. Lehmann-Nitsche sur l'homme préhistorique en Argentine. Au moins, jusqu'ici je n'en ai pas trouvé de trace. Je dirai un mot de *Homo* dans notre revue bimensuelle «Mensch en Maatschappij», aussitôt que je pourrai. Je vous aurais accusé réception plus tôt, mais les alarmantes nouvelles de la révolution militaire à Porto et ailleurs, me l'ont fait ajourner.

J'habite pour le présent Carthage, à deux pas d'une partie des ruines. J'y trouve le calme, si longtemps cherché: pas de vacarme et personne pour m'embêter. Malheureusement, je dois quitter ce beau gîte le 15 juin, puisqu'il sera occupé par la propriétaire. Mais, carpe diem! Je me porte passablement bien et quand je peux, je travaille. Hier, j'ai appris la nouvelle de la mort de mon vieil ami Manouvrier. Cela me fait de la peine. C'était un grand anthropologiste et un brave homme.

J'espère que ces lignes vous trouveront en bonne santé.
Recevez etc.

Abre-se depois uma ampla lacuna na nossa correspondência. Do resto de 1927 e do princípio de 1928 não encontro no meu arquivo nenhuma carta ou postal.

Em Setembro de 1927 efectuara-se na sua pátria, em Amsterdã, um Congresso Internacional de Antropologia. Esperava que êle ali fôsse, o que se não deu. Enviei-lhe de lá, com Sergio Sergi e outros colegas e amigos, um postal de saudação. Como não tivesse tido resposta, escrevi-lhe de novo em Março. De Cartago, em 23 de Abril de 1928, escreve-me dizendo não ter recebido aquele postal, falando-me nos «Trabalhos» da Sociedade e mostrando interesse pelos resultados das investigações sobre a *espiloforia*. Nessa altura, sente-se «muito bem» após um inverno penoso. Com data de 21 do mesmo mês, também de Cartago, escrevia-me o P.^o Delattre a agradecer a remessa dum meu trabalho sobre uma inscrição de Alvão, e, fazendo considerações judiciosas sobre certas tentativas de decifrações de inscrições, dizia com autoridade que a minha brochura sobre a inscrição de Alvão «aidera à confirmer l'authenticité des pièces trouvées à Glozel».

Em 1 de Setembro, ten Kate escreve-me de Amélie-les-Bains (Pireneus Orientais). Reservando naturalmente a sua opinião sobre Alvão (em que, ao contrário do P.^o Delattre, não está informado), faz considerações particularmente interessantes sobre o meu trabalho *O problema eugénico em Portugal*:

J'ai bien reçu les deux brochures que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer. Ayant quitté Carthage définitivement, votre envoi ne m'est parvenu qu'avec beaucoup de retard. J'ai lu vos brochures avec intérêt et je vous en remercie.

Quant à Alvão, je n'ai pas d'opinion là-dessus, n'étant pas au courant de la question. En ce qui concerne le problème eugénique en Portugal, c'est autrement intéressant, et en outre, très grave. Vous avez bien fait d'exposer la triste vérité et de conseiller de remédier à cet état de choses. En France, je constate depuis des années la même chose. Des symptômes de dégénérescence, un peu partout, mais surtout dans l'armée. Beaucoup de soldats actuellement sous les armes, même dans l'armée d'Afrique, sont d'une constitution piteuse. Vraiment, c'est honteux et ridicule. Et je ne vois pas de remède. Vos frères gallois sont très insoucians. La prochaine guerre, en dépit de ce brave Kellogg, et ce sera finis Galliae. Vous la verrez encore, cette fin, pas moi.

Parmi les populations indigènes des villes en Algérie et en Tunisie, au fond berbère, la proportion de dégénérés physiques et psychiques est plus grande encore.

Quoi de nouveau au sujet des tâches bleues congénitales chez les enfants portugais? Cette question, comme vous le pensez bien, m'intéresse particulièrement.

Comme je ne sais pas encore où j'irai après Amélie, je vous prie de m'adresser désormais et toujours chez M. A. de Graaf à Zeist, province d'Utrecht, Pays-Bas. Il sait toujours où je suis.

Agrérez, etc.

Em 8 de Outubro já está em Nabeul, Tunisia. Escreve-me nessa data:

J'ai reçu votre . . . brochure sur le Serpent, totem des proto-Lusitaniens que j'ai lue avec plaisir. Je me demande toujours comment vous trouvez le temps d'exécuter tant de travaux divers. Pour moi, ces temps sont finis. Je suis ici pour me remettre un peu d'une crise d'urémie qui m'a surpris à bord il y a une 15-aine de jours. Si je n'en meurs pas, je tâcherai de trouver un gîte près de Tunis, mais plus jamais à Carthage. Mon adresse est au Consulat des Pays-Bas, à Tunis. Excusez la brièveté de mon accusé-réception.

Tous les bons vœux, etc.

É curiosa a sua insistência em que não voltaria a Cartago. Voltou afinal e lá morreu.

Nesse ano nada mais registado do que um seu postal de 30 de Outubro de 1928, de Tunis, em que diz ter recebido um fascículo dos «Trabalhos» da Sociedade, que elogia, e ter deixado «definitivamente» Cartago em meado de Junho. Em seguida, mostra interesse por uma análise minha do seu trabalho em italiano sobre manchas azues sagradas, que me oferecera pouco antes e me sugeriu um estudo análogo nas crianças portuguesas recém-nascidas, estudo que foi realizado na clínica obstétrica do prof. Morais-Frias e apresentado pelo dr. Gonçalves de Azevedo, Filho, e por mim, ao Congresso Antropológico de 1930.

Novo hiato de cerca dum ano. É de 8 de Agosto de 1929 e de Castel Gandolfo a sua carta. Voltara à Itália. Fala da sua doença e, nesta carta — a última que dele guardo — refere-se à doença, à provável morte de Wenceslau de Moraes:

Je viens de recevoir fasc. II du vol. IV des *Trabalhos* où j'ai lu avec plaisir votre aimable revue de mon article sur les tâches bleues. Je vous en suis très obligé et je vous en remercie.

J'espère vivre assez longtemps pour lire le résultat des recherches du prof. Morais Frias sur les *spilophores* portugais.

Et que faites-vous? Il y a fort longtemps que je n'ai pas vu des vos travaux, ni reçu de vos nouvelles. Quant à moi, tout récemment, je me suis remis à la rédaction de mes notes sur les indigènes, y compris les juifs, de la Tunisie. L'hiver passé, j'étais assez souffrant et même ici il y a des jours que des troubles de circulation sanguine et urémiques m'empêchent tout travail. Je suis ici pour l'été, au bord du lac d'Albano. Sauf l'imprévu, je pense retourner en Afrique, une fois les grandes chaleurs passées.

Je n'ai pas encore vu les professeurs Sergi. Il me tarde de les visiter et de voir le Néanderthal qu'on a trouvé près de Rome il y a quelques mois.

N'est ce pas M. Bento Carqueja qui a publié dans le temps certains écrits de mon ami M. Wenceslau de Moraes? M. Carqueja sait-il que l'auteur du *Caderno* est gravement malade depuis l'automne dernier? Peut-être même que la mort l'ait enlevé déjà. Etant inquiet, je m'étais adressé au Consul de Portugal à Kobe. D'après ce que celui-ci m'a écrit, je n'ai plus d'espoir. Mais je suis certain que votre illustre compatriote déraciné a salué ou saluera la mort « avec un sourire », comme il dit quelque part dans son *Caderno*. J'aurai perdu en M. de Moraes un ami fidèle dont la *saudade* me restera très chère.

Vous me feriez bien plaisir avec un petit mot, ici à Castel Gandolfo.

En attendant, etc.

Ainda vê o crânio neandertaliano de Roma, admiravelmente estudado por Sergio Sergi. Mas não torno a receber as suas notícias. De Agosto de 1929 a Fevereiro de 1931, data da sua morte, não me torna a escrever. Mas voltara à África, voltara a Cartago, porque aí morre, seguindo por poucos meses à sepultura o seu amigo Wenceslau de Moraes.

Talvez a doença — depressão nervosa e diabetes — o fôsse progressivamente inibindo de escrever. Talvez o maguassem os meus agora prolongados silêncios, justificados com a minha colaboração nos trabalhos de organização do Congresso de Antropologia de 1930 em Portugal, e com mil outras ocupações prementes.

Saudoso amigo, a quem nunca falei de viva voz, a quem nunca apertei a mão afectuosamente, mas com quem convivi, a distância, por uma correspondência freqüente de doze anos e atra-

vés dos seus outros escritos! Como me penaliza que tenha porventura tido, nos últimos meses da sua vida, a impressão, aliás errônea, de que também eu o esquecera! Escrevendo estas notas e reproduzindo parte da sua correspondência, não me sinto aliviado do remorso dum tão longo silêncio com êle!

De facto, não o esquecera. Citara-o merecidamente no trabalho sôbre a mancha sagrada nos recém-nascidos portugueses. Colocara o seu retrato no meu laboratório universitário. Sabendo-o errante, ignorava para onde deveria escrever. Diziam-no em Paris «l'Homme qui n'est jamais là où est sa dernière adresse». Mas sinto pesar, imaginando que no hospital ou no seu «bungalow» de Cartago, onde a morte o veiu colher aos 73 anos, lhe teria faltado talvez o conforto das palavras de amigos. Não o creio, porém. No seu nomadismo, êle ia-os encontrando por toda a parte. Se, conhecedor e amigo dos Índios da América, êle era o único europeu que fôra, numa honrosa eleição, feito membro da «Society of American Indians»!

O seu primo, dr. A. de Graaf, em resposta a uma carta minha, informou-me obsequiosamente de que o período de doença propriamente dito que antecedeu a sua morte, durou apenas algumas semanas. Antes, êle ainda tivera fôrças para trabalhar em Cartago nos seus estudos antropológicos.

A carta do dr. A. de Graaf chegou às minhas mãos quando já estava impressa a primeira parte dêste artigo. Assim, tenho de fazer algumas rectificações e aditamentos ao que nessa parte ficou escrito. O dr. de Graaf informa-me de que ten Kate nasceu em 21 de Julho de 1858 em Haia e era duma família de artistas, tendo a princípio feito estudos de belas artes e só depois enveredando para a geografia, ciências naturais e medicina. Doutorou-se de facto em Heidelberg mas primeiro em filosofia (1885) e só dez anos depois em medicina, tendo realizado antes desta última data várias viagens científicas, como uma em 1884 com o

príncipe Roland Bonaparte à Lapónia e Escandinávia, e outras à Córsega, Estados-Unidos, México, Venezuela, Canadá, Argélia, ilhas da Sonda, Austrália, Polinésia, Argentina e Paraguay, estando nalguns pontos mais do que uma vez. Depois de concluído o seu curso médico, volta à Argentina e daí segue em 1897 para a ilha de Java, onde vivia sua irmã mais nova.

Em 1898 parte para o Japão, onde se conserva até 1919 com intervalos vários. Aí casa em 1906 com uma japonesa, Kimi Fujii (*Glicínea*), de família distinta e, segundo o meu correspondente, uma pessoa encantadora, que o acompanhou à Europa uma vez e noutras viagens. Mas em 1919, como já foi dito, *Glicínea* morre e ten Kate abandona o Japão. Uma rectificação necessária ao que escrevi: ten Kate não teria sido consul. Exerceu a medicina no Japão, como antes noutros países.

Da sua família, sobrevivem alguns primos e sobrinhos (filhos de 2 irmãs já falecidas). Êle distinguia com muita estima uma sobrinha M.^{lle} Serrurier, doutora em letras, e os primos dr. A. de Graaf e H. Pierson, todos residentes na Holanda. No cemitério «Kramm» em Cartago, os dois primos referidos mandaram colocar sôbre a sepultura de ten Kate uma placa tumular em mármore com os nomes do extinto e sua espôsa, datas do nascimento e da morte, e esta legenda: «em nome dos seus amigos H. D. Pierson, A. de Graaf». Julgo poder incluir-me entre aqueles cuja saudade os sinatários desta legenda interpretaram na sua homenagem piedosa.

*

* *

Todos os Portugueses cultos verão com simpatia êste homem de ciência que conviveu afectuosamente com o eremita de Tokushima, classificando-o de seu «amigo fiel». Porém Wenceslau de Moraes enraizou-se junto das cinzas de duas mulheres que amou

com a paixão forte de que é capaz um Português. Sem «trocar a alma» (como pretende o meu ilustre amigo dr. Fidelino de Figueiredo) êle sentiu o encantamento do Japão, no qual, aliás, verificou por fim com um certo desapontamento que nunca conseguira passar dum estrangeiro.

O drama psicológico do seu amigo dr. Herman ten Kate, é menos sentimental, se bem que a sua partida do Japão tivesse tido por causa a morte da espôsa, senhora japonesa, que lhe dera 14 anos de felicidade no lar: ou um não fôsse um poeta, mesmo como prosador, e o outro um sábio. Ou um não fôsse português, e o outro holandês.

Ten Kate é um glorioso vagabundo intelectual, que, exilado voluntário da sua Pátria como Wenceslau de Moraes, conserva até ao fim da vida, através de tôda a sua insatisfação e da sua doença, o culto da ciência, das conquistas positivas do estudo, embora aquecidas ao calor da emoção. Também escreveu trabalhos literários e era duma família de pintores e poetas, tendo-se consagrado mesmo à pintura na mocidade. Mas foi sobretudo cientista e atraíam-no as viagens com intuitos científicos. E, a ajuizar por um seu artigo de 1905 sôbre o Japão, não se deixou enfeitiçar por êste país, que aliás admirava, nem se iludiu sôbre a sua condição de estrangeiro naquelas paragens. Não o deslumbrou, como a Moraes, o *Dai-nippon*, a despeito do seu consórcio feliz com uma japonesa.

Era sua opinião que a Europa se enganava supondo que a alma japonesa se europeizava, quando afinal ela é irreductível à psicologia das raças brancas, e de europeu o Japão só aproveita certos aspectos da cultura material e exterior, especialmente os progressos da técnica militar...

E, porque se não identificou psicologicamente com o Japão, ten Kate abandona-o quando perde a mulher e envelhece, e vem para o ocidente continuar a sua vida errante, à espera, tranquila-

mente, da morte inevitável. Nas suas cartas, diz-se um «velho holandês», vivendo, como Wenceslau de Moraes, no «mundo da saudade», mas nunca essa saudade se refere ao Japão do qual raro fala, a não ser, por exemplo, inquieto pela sorte de amigos quando uma calamidade assola aquele país.

Assim, na verdade, Wenceslau de Moraes e Herman ten Kate, não fôram, apesar de tudo, como êste pretendia, «irmãos de sonho». Diferenças de temperamento, de orientação mental, mesmo étnicas. Mas compreenderam-se porque o cientista, friamente metódico, era entretanto acessível às sensações de arte e à chamadas comoções e dos entusiasmos — e fôram amigos. A amizade e a consideração que ten Kate mostrava pelo nosso compatriota, enobrece-lo-iam a nossos olhos, se tôda a sua vida intelectual e científica não fôsse já um altíssimo título de nobreza.

É interessante que a última carta que dêle recebi, coincidia com a época aproximada da morte de Wenceslau de Moraes. Poucos meses lhe sobreviveria. O seu amigo português lá ficou no cemitério de Chiyo on-ji, perto de cinzas amadas de *musumés*, cujas almas, nas horas longas da sua saudade, vinham, em noites negras, iluminar-lhe a entrada da sua casita de papel, transformadas em pirilampos fugazes e rutilantes...

«O Japão foi o país — escreveu o nosso compatriota — onde eu mais vivi pelo espírito, onde a minha individualidade pensante mais viu alargarem-se os horizontes do raciocínio e da compreensão, onde as minhas forças emotivas mais pulsaram em presença dos encantos da natureza e da arte. Seja pois o Japão o altar dêste meu novo culto — a religião da saudade — o último porcerto a que terei de prestar amor e reverência».

Ten Kate abandona os encantos nipónicos pelas belezas alpestres, pela calma doce e azul da *Riviera* italiana, pelas margens do lago de Albano, pelas costas da Argélia e da Tunísia.

«Os japonófilos e japonómanos esquecem — escrevia êle em

1905 como nórdico prático — que os amarelos seus amigos de hoje se tornarão seus inimigos amanhã. Não vêem que com suas néscias lisonjas os fazem ainda mais orgulhosos e atrevidos do que já são. É preciso manter alto o prestígio da raça branca».

Vem êle, pois, morrer muito longe do Japão — dêsse Japão exótico, inassimilável e altivo que o não conquistara — contemplando talvez do leito de doença, as ruínas da velha Cartago, em que bem se simbolizaria o seu cosmopolitismo errante que já odiava certos « progressos » . . . E, entretanto, a sua imaginação de enfermo povoaria essas ruínas porventura com as pequenas *musumés*, graciosas e de mãos perfeitas, com a sua querida Kìmi Fujii, e evocaria talvez Salammbô, de beleza radiosa, salvando, com sacrifício suprêmo, de inimigos impuros o véu misterioso de Tanit.

O véu da densa púnica seria assim a névoa subtil que embaciou o olhar saudoso do moribundo. E, sôbre aquela terra em que o Baal sanguinário devorou tantas vidas sacrificadas, mais uma vida se extinguia, immobilizando-se emfim para sempre alguém que cruzou o globo em tôdas as direcções, que atravessou todos os meridianos, que percorreu todos os cantos da Ecúmena, permanentemente ansioso de conhecer os povos e as raças, e que, tendo acaalentado no seu coração affectos puros de família, amizades dedicadas, a fidelidade à sua Pátria e à sua estirpe étnica, amou dum modo particular a ciência que tão útilmente serviu.
